Um estranho dentro de mim



de

Lu Mounier

1ª Edição

Lu Mounier

® Lu Mounier, 2005

Sumário

Introdução.....04
Capítulo 1.....05
Capítulo 2.....17
Capítulo 3.....32
Capítulo 4.....51
Capítulo 5.....64
Capítulo 6.....88
Capítulo 7.....107
Capítulo 8.....120
Capítulo 9.....128
Capítulo 10.....138
Capítulo 11.....152
Capítulo 12.....185
Capítulo 13.....204
Capítulo 14.....226
Capítulo 15.....238
Capítulo 16.....246
Capítulo 17.....267
Capítulo 18.....284
Capítulo 19.....295
Capítulo 20.....317
Capítulo 21.....333
Capítulo 22.....343
Capítulo 23.....350
Capítulo 24.....375
Agradecimentos 392
Comentário do autor.....394
Informações Bibliográficas.....396

Lu Mounier

Introdução

O livro conta a história de Bader, um jovem publicitário sonhador. Apesar de ser homossexual, nunca deu motivos para que sua família se envergonhasse. Bem sucedido em tudo que faz, sua vida parece perfeita, até ser abandonado pela pessoa que mais amava.

Desacreditado no amor, ele continua sua vida na companhia de sua cachorra, até que um acidente de carro muda o seu destino. Desse acidente nasce uma amizade que dura pouco tempo, até os dois se descobrirem apaixonados.

Uma história de amor incondicional começa a ser protagonizada por eles, até que no auge dessa paixão, Bader descobre que está doente.

A partir de então, começam os conflitos. Uma mistura de amor, suspense, medo e tragédia que promete envolver o leitor até o final.

Capítulo 1

A vida é muito engraçada. Às vezes estamos sozinhos e sentimos a falta de alguém ao nosso lado, e quando encontramos esse alguém, queremos ficar sozinhos. “A felicidade não existe, o que existe são momentos felizes”, eu acreditava nesse pensamento até que um acidente me provou que a felicidade existe sim, e que nós perdemos a oportunidade de vivê-la por orgulho, bobagens da vida. Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente. Agora tenho consciência de que poderia ter evitado muitas coisas e aproveitado mais.

Meu nome é Bader, nasci em São Paulo, mas fui criado em Campinas. Com 22 anos eu já era independente, tinha uma vida estável e morava sozinho desde meus 18 anos. Digamos que “sozinho” mesmo há pouco tempo, pois quando eu namorava o Bruno vivíamos juntos, ele passava mais tempo na minha casa que na casa dele. Eu sou assumido entre todos da família e trabalho, e apesar de ser *gay*, nunca fiz nada que meus pais pudessem se envergonhar, pelo contrário, sempre fui o orgulho da família.

Quando passei no vestibular foi uma festa em casa, meu pai fez um churrasco e convidou todos os parentes, foi muito bom ter a família reunida. Naquela tarde rimos bastante com as piadas do tio Ricardo, devoramos os doces da tia Cida, tomei banho de mangueira com meus primos... Tenho saudade daqueles tempos. Cresci em uma família de três irmãos, eu era o do meio, tinha o Pedro, que era o mais novo e o Rodrigo, que era o mais velho. A diferença entre cada irmão era de cinco anos, sempre tivemos de tudo,

principalmente carinho, amor, disso não tenho do que reclamar, sempre fui mimado pela minha mãe, acho que isso me estragou um pouco.

Éramos uma família típica de classe média. Viajávamos nos feriados, almoçávamos e jantávamos com todos à mesa e passeávamos aos finais de semana. Eu e meus dois irmãos íamos para a escola durante a semana: informática, inglês e natação. Foi uma infância muito boa.

Logo depois de passar no vestibular, me mudei para São Paulo, assim eu ficaria mais perto da faculdade. Meu pai alugou um apartamento e mudei logo em seguida. No meu segundo ano de faculdade eu consegui um emprego na área que estava fazendo, que era Publicidade. Desde então, comecei a viver com meu próprio dinheiro. Depois que me formei, fui promovido na empresa e meu salário triplicou.

Minha vida estava ótima, tinha meu apartamento, meu carro e um namorado que amava demais, pelo menos era o que eu pensava.

Certo dia, ao chegar em casa, percebi um bilhete sobre a mesa:

Bader,

Desculpe por te comunicar dessa maneira, mas acho que nosso relacionamento chegou ao fim. Conheci outra pessoa e não quero mais te enganar.

Desculpas sinceras.

Ass. Bruno.

Ser abandonado por alguém que você gosta dói, machuca, fere. Comecei a chorar e liguei para minha mãe em Campinas. Nessas horas eu sempre procurava os conselhos da minha mãe que sempre vinham na hora certa.

-Alô?

-Mãe?

-Oi filho...

-Mãe... O Bruno me deixou...

-Mas por que, Bader?

-Não sei, deixou um bilhete dizendo que encontrou outro alguém e se apaixonou...

-Filho, o que é seu ninguém tira, se ele te deixou, é porque algo melhor e merecedor espera por você.

-Só você pra me entender, mãe.

-Acredite, Bader, nada em nossas vidas acontece por acaso.

-Será, mãe?

-Um dia você vai me dar razão. Não fique chorando por isso, meu filho! Procure fazer algo para se distrair, quem sabe você encontra um sentido e um incentivo para viver algo novo?

-Acho que a senhora tem razão. Obrigado pelas palavras.

-Te amo!

-Eu também.

Depois de falar com minha mãe, me senti bem melhor. Só ela conseguia me animar. Peguei o jornal e comecei a olhar os classificados de imóveis. Decidi que compraria um novo apartamento e venderia o meu, assim eu me livraria das lembranças do Bruno que marcaram aquele lugar.

Durante a semana eu fui trabalhar normalmente. Estava abarrotado de peças para criar, graças a Deus não me faltava trabalho. Minha vida financeira era bem tranquila por ser bem sucedido no que fazia.

Um dia quando estava voltando pra casa, parei no semáforo da Avenida Brigadeiro Faria Lima e me entregaram um panfleto de uns apartamentos recém-construídos, com três dormitórios e duas vagas de garagem, bem amplos no bairro de Higienópolis em São Paulo. Fiquei interessado e no outro dia fui até o local onde os corretores estavam de plantão. Visitei o apartamento decorado e me encantei, era lindo e bem confortável, fechei negócio, podendo me mudar a hora que eu quisesse.

Consegui vender meu antigo em menos de uma semana após anunciá-lo, pois sua localização era ótima, sem contar na estrutura bem acomodada. Deu um pouco de trabalho quanto à mobília do meu novo apartamento, pois eu queria móveis planejados, que fossem a minha cara, feitos especialmente para a minha casa e que dessem um ar de modernidade e espaço.

Desenhei tudo o que eu queria e como queria. Depois levei à loja de móveis planejados e encomendei tudo. Não queria mais nada do antigo apartamento, preferi deixar no passado o próprio passado.

Eu estava todo entusiasmado com meu novo apartamento, sem contar que ficava próximo ao *shopping*, onde eu costumava ir malhar na academia.

Em quarenta e cinco dias me mudei definitivamente. Chegar em casa e sentir aquele cheiro de “novo” era ótimo. A Dani estranhou um pouco, mas com o tempo ela ia acostumar. A tristeza ainda permanecia por conta de ser

abandonado pelo Bruno, mas nada poderia fazer, a não ser seguir minha vida de cabeça erguida, pois nenhum mal é tão ruim que durasse para sempre.

Acordei em uma manhã de sábado ensolarado morrendo de fome. Levantei e fui até a cozinha preparar algo para comer. Abri a porta do armário e notei que havia me esquecido de fazer compras. Voltei para o quarto e troquei de roupa para ir ao mercado comprar o que faltava. Uma amiga minha sempre dizia que o melhor remédio para a tristeza era fazer compras, assim, comecei a notar que ela tinha razão. Peguei a Dani e a levei junto comigo para o supermercado que havia no *shopping*.

Levei-a ao *pet shop* para tomar banho e até comprei umas roupinhas de inverno para ela. Na volta pra casa coloquei um CD com *MP3* e comecei a ouvir música em alto volume. Fui cantando e dançando enquanto dirigia. A Dani subiu no meu colo e foi com a cabeça para fora da janela como ela gostava de fazer.

O dia estava lindo, ensolarado. Tudo estava se tornando perfeito até que no cruzamento da Avenida Angélica apareceu um cachorro na minha frente. Para não atropelá-lo eu desviei bruscamente e acabei batendo em outro carro. A batida foi tão forte que meu carro girou três vezes até bater contra um poste do outro lado da rua, deixando as marcas dos pneus no asfalto.

O vidro ao lado do motorista se partiu na hora, voando estilhaços para todos os lados. Por pouco o volante do carro não comprimiu meu peito. A freada foi tão brusca que minha cabeça foi jogada várias vezes contra a coluna que ficava atrás do encosto do banco do motorista.

Era bom demais para ser verdade. Quando achei que tudo em minha vida começara a dar certo, tinha que acontecer alguma coisa para estragar

meu dia. Permaneci por um tempo dentro do carro, enquanto esperava minha visão restabelecer-se totalmente.

O motorista do outro carro não sofreu nada. Em compensação, tive uma luxação no braço e um corte na cabeça. A minha camisa, que era branca, estava molhada de sangue. Só percebi que havia um ferimento em minha cabeça quando senti algo quente escorrer pelos meus olhos.

Saí do carro para ver o estrago que a batida havia feito. O lado do passageiro ficou completamente destruído. A sorte era que a Dani estava no meu colo, caso contrário ela não teria escapado com vida.

-*Caramba!*

-*Você precisa prestar mais atenção no trânsito...*

-*Desculpa, você se machucou?*

-*Graças a Deus, não. Mas você está ferido...*

-*Não foi nada.*

-*Sua cabeça está machucada, você precisa de socorro urgente...*

Com o celular na mão, o rapaz do outro veículo começou a chamar ajuda. Depois disso não vi mais nada. Acabei desmaiando. Acordei no hospital, um pouco atordoado. Lembrava-me vagamente do acidente. Reconheço meu erro quando fechei o carro do rapaz sem querer, mas ele poderia ter evitado o acidente se não estivesse distraído falando ao celular e em alta velocidade.

Levei a mão à cabeça e senti que no lugar da ferida havia um curativo. Com a porta do quarto entreaberta avistei o rapaz, que preocupado andava de um lado para o outro com a mão esquerda apoiada na cintura e a outra em sua cabeça.

Ao perceber que eu havia acordado, entrou no quarto dizendo:

-Não tente se levantar, pode afetar sua coluna...

-O quê estou fazendo aqui...?

-Você desmaiou e eu te trouxe pra cá. Tem algum parente seu para vir aqui ficar com você?

-Não, eu moro sozinho em São Paulo.

-Mas você precisa de um acompanhante... Vamos fazer o seguinte, eu vou buscar minha mina na faculdade e depois volto aqui pra saber como você está.

-Valeu pela força... Mas não se preocupe, eu me viro.

-Nada disso, me sinto na obrigação.

-Eu já estou bem.

-Mesmo assim eu volto pra ver como está.

-Não esquenta.

-Melhoras pra ti.

-Valeu.

O cara era gente boa. Diferente de muitas pessoas por ai, que por qualquer coisa já arma um circo. Minha cabeça estava com um curativo enorme ao lado direito. Meu braço estava enrolado numa faixa e uma tipoia o apoiando. Às vezes doía um pouco quando eu mexia, mas a enfermeira me deu um remédio para aliviar, me fazendo dormir por um bom tempo.

Nunca gostei de hospital. Desde criança sempre tive trauma de enfermaria, principalmente depois de ter caído de bicicleta aos sete anos e quebrado a perna.

No começo da noite, o rapaz do acidente voltou. Ao entrar no quarto, questionou o motivo do sorriso em minha face:

-Licença... Nossa!... Está sorrindo só por ter me visto?

-Haha!... A enfermeira disse que eu já posso ir para casa... Mas perdi meu celular, preciso ligar pra minha mãe vir me buscar e assinar os papéis...

-Mas você não disse que mora sozinho em São Paulo?

-Eu moro sozinho, mas minha família também não mora tão longe assim.

-De onde eles são?

-Eles moram em Campinas.

-Não vá preocupar sua mãe, eu assino a responsabilidade de te acompanhar. Pode ser?

-Eu só estou atrasando sua vida...

-Não se preocupe, pelo menos eu me distraio um pouco, estou precisando...

-O quê aconteceu?

-Depois te conto.

-Tudo bem.

-Deixa eu te ajudar... Assim...

-Obrigado.

Sorrindo por ver minha felicidade, a enfermeira entregou alguns papéis para o rapaz assinar, liberando minha saída logo em seguida. Eu já não aguentava mais aquele cheiro de álcool, sirene de ambulância. Não via a hora de chegar em minha casa, deitar em minha cama.

-Então... Eu vou te levar em casa...

-Mas... Seu carro...

-É o carro da minha mãe, o meu o seguro já levou para arrumar.

-Entendi... Já o meu...

Fomos até seu carro, caminhando calmamente. Meu corpo ainda estava dolorido, devido ao impacto do acidente. Com cuidado ele abriu a

porta para mim, pois meu braço estava imobilizado. Para minha surpresa, dentro do carro estava a Dani, que ao me ver não parava de latir.

-Dani... Olha o papai aqui...

-Eu esqueci de te avisar, sua cachorra ficou na minha casa... Minha mãe adorou ela...

-Obrigado por ter cuidado da Dani pra mim.

-De nada, sua cachorra é bem comportada e muito esperta.

-Ainda não nos apresentamos...

-É verdade, meu nome é Daniel.

-O meu é Bader...

-Prazer!

-Você é um cara bacana, Daniel.

-Por quê?

-Porque eu bati no seu carro e você ao invés de brigar comigo, está me ajudando...

-Faria a mesma coisa por qualquer outra pessoa... Sou contra a violência no trânsito, porque foi assim que perdi meu pai, e também eu errei por me distrair falando ao celular.

-Então é melhor mudarmos de assunto. Você trabalha com o quê?

-Sou formado em Educação Física, e você?

-Eu trabalho com Publicidade e Propaganda...

Ao vê-lo suspirar questionei:

-O que foi?

-Nada, lembrei da minha ex-namorada apenas.

-Entendi.

-Nos separamos hoje.

-Puxa... Que chato...

-Pois é... Foi melhor assim, nosso relacionamento já não estava dando certo. E você, namora?

-Eu não, fui abandonado.

-Nossa... Que mau.

-Nada que um dia após o outro não resolva.

Quando chegamos perto de casa, ele parou o carro em frente ao edifício, onde ficamos conversando um pouco mais.

-Eu moro aqui...

-Parecem serem grandes esses apartamentos.

-E são... Possuem três dormitórios.

-Tudo isso só pra você?

-Sim... Quando vem minha família pra cá, eles ocupam os outros dois.

-Ah... Então tá explicado.

-Daniel... Eu tenho uma dívida com você...

-Eu já disse que o seguro vai cobrir o prejuízo...

-Por isso mesmo, ficarei em débito contigo.

-Não esquenta, você me paga uma balada e fica tudo certo.

-Firmeza. Agora eu vou indo.

-Falou cara.

Durante aquela semana eu tive que levar o atestado médico na agência onde eu trabalhava. Ganhei três meses de afastamento por conta do braço. Aproveitei também para resolver alguns assuntos relacionados ao seguro, por conta do acidente com meu carro. A perícia diagnosticou perda total, e não fazia nem um ano que eu havia o comprado. Enquanto a

seguradora não me mandava um novo, me forneceram outro carro temporariamente.

Depois de ficar quatro dias em casa sem fazer nada, resolvi voltar para a academia. Iniciei uma série de exercícios somente para as pernas, para que meu corpo não desacostumasse, pois meu braço estava imobilizado. Eu costumava ir sempre à academia na hora de almoço ou de manhã, porque no meio da tarde e à noite eu trabalhava, mas como fui afastado por um tempo do trabalho, mudei o horário de treino.

Era meu primeiro dia no novo horário. Fui até a academia caminhando, porque ficava dentro do *shopping* perto de casa. Passei meu cartão na catraca e a mesma começou a apitar dizendo que estava bloqueado. Aborrecido, comuniquei a uma garota muito arrogante que estava na recepção:

-Por favor, meu cartão está bloqueado...

-Um momento... Você é aluno?

-Não... Achei essa carteirinha na rua e vim testar, que por coincidência tem meu nome e foto... É obvio que sou aluno... Meu horário é de manhã, mas por esses meses quero treinar à tarde.

-Então deve ser por isso... Eu já libero pra você.

-Obrigado!

Com muita má vontade ela liberou a catraca pra mim. Bufando segui até o vestiário para trocar de roupa. Guardei a mochila no armário. Logo em seguida voltei para a sala de aparelhos. Seria uma hora de pedalada sem parar. Fiquei logo à frente da fileira, atento ao cenário que o professor criava no decorrer do treino.

No término da aula chegou outro professor, mas como eu já havia feito meus exercícios e estava um pouco cansado, resolvi ir até o vestiário e lavar o rosto antes de fazer um pouco de esteira.

Colocava a toalha no ombro enquanto caminhava, e ao abrir a porta senti que havia batido em alguém. Voltei dois passos enquanto a outra pessoa segurava a maçaneta, e quando sua figura se revelou, não acreditei no que vi:

-Opa... Foi mal...

-Você?

-Daniel?

Respirei fundo.

-Eu acho que você me odeia, cara...

-Foi mal... O quê você faz aqui?

-Eu trabalho aqui, e você?

-Eu treino aqui.

-Se não me engano, eu havia te contado que era professor de Educação Física...

-Ah... É verdade... Que coincidência!

-Pois é, não pense que eu esqueci da balada...

-É verdade, é só marcar...

Segurando a cabeça ele perguntou:

-Que estilo de música você curte?

-Eletrônica, rock, MPB...

-Eu adoro música eletrônica!

-Eu conheço uma balada que toca umas legais...

-Fechado. Sábado está bom pra você?

-Pode ser.

-Falou.

Não me senti bem encontrando o Daniel pela segunda vez e dando-lhe uma pancada, desse jeito ele ia me achar um atraso de vida, se é que já não me achava. Depois de pagar minha divida com ele não pretendia vê-lo nunca mais, tamanha era a vergonha que havia ficado. O pior de tudo era que ele dava aula na mesma academia que eu malhava, mas pensando bem, até que fazia sentido quando bati em seu carro, pois estávamos próximos do shopping, provavelmente ele deveria estar saindo da academia na hora do acidente.

Capítulo 2

Na terça-feira cheguei um pouco mais cedo na academia, pois não consegui dormir com os latidos da Dani por causa do gato da vizinha. Ao entrar na sala de treino, notei que o Daniel já estava lá, com um pouco de tristeza em seu olhar.

Fui até o vestiário deixar minha mochila e trocar de roupa, depois peguei minha ficha nos arquivos e fui fazer esteira. Programei-a como sempre fazia e comecei a caminhar. Desanimado o Daniel se aproximou de mim para colocar presença na ficha.

-Bom dia!

-Bom dia, Daniel! Tudo bem com você?

-Estou um pouco deprê...

-Aconteceu algo?

-Mano... A vida é tão cruel cara...

-Olha, se você precisar desabafar, quiser trocar uma ideia, pode contar comigo, belê?

-Você se importa se eu te alugar um pouco?

-Relaxa, se precisar estamos aê.

-O quê você vai fazer depois daqui?

-Vou pra casa, por quê?

-Está a fim de dar um role?

-Só se você dirigir...

-Beleza.

Depois do treino fui até o vestiário tomar um banho pra tirar o suor. Passei desodorante para não ficar transpirando igual uma torneira, gel no cabelo e vesti minha roupa.

O Daniel já esperava por mim no estacionamento da academia. Entrei em seu carro e seguimos sem rumo, sem destino. Com os olhos lacrimejando ele perguntou:

-Alguma vez você já se sentiu culpado pela tristeza de alguém?

-Isso acontece às vezes.

-É assim que estou me sentindo, um lixo.

Caminhando pelo Centro de São Paulo íamos conversando. Nenhum ser humano é livre de problemas, todos temos problemas e quando achamos que estamos livres de um, aparece outro, seguido de outro e mais outro.

-Lembra daquele namoro que eu te falei que havia terminado?

-Sim, lembro.

-Pois é, ela tentou se matar por isso.

-Caramba!

-E o pior de tudo é que ela estava grávida, esperando um filho meu.

-Mas como ela está agora?

-Não sei ao certo, aparentemente bem.

-E o bebê?

-Perdeu.

-É por isso que você está aflito?

-Sinto culpa, angústia, sei lá...

-Mas você não é culpado...

-Claro que sou.

-Claro que não. Você sabia que ela estava grávida?

-Não, fiquei sabendo hoje.

-Então, você não deve se achar culpado por algo que não cometeu... Se você terminou um relacionamento é porque não estava mais a fim, ela teria que ser adulta o suficiente para entender isso...

-Eu fiquei triste...

-Eu compreendo que você tenha ficado triste, mas não deve ficar guardando uma culpa que não é sua, carregando fardo dos outros.

-Mas era meu filho...

-Sim, era uma vida inocente que pagou pela irresponsabilidade da mãe... Você é um homem inteligente, jamais permitiria que isso acontecesse estando ciente dos fatos.

-Não aguento mais pressão em cima de mim.

-Você precisa se distrair, ocupar sua cabeça com outras coisas.

-É... Mas não tenho amigos que curtam umas loucuras...

-Bem, agora que eu estou aqui, acho que posso te ajudar.

-Da hora, cara! Pra onde vamos então?

-Já?

-Demorô...

-Então vem comigo.

Saímos do Centro e fomos para um parque de diversões na Zona Oeste de São Paulo. Fazia tempo que eu não ia a um lugar desses, e tanto para mim quanto para ele seria bom um pouco de distração.

O dia estava ensolarado. Ao chegarmos fomos direto para a fila dos brinquedos, aproveitando que o parque não estava tão cheio.

-Nossaaaaaaaaaaaa!... Bader você é o cara... Faz muito tempo que eu não venho num lugar desses.

-Então vamos aproveitar.

-Com CER-TE-ZA.

-Vamos começar pelo SkyCoaster?

-Só se for agora.

SkyCoaster era uma espécie de rede segurada por alguns cabos, que era erguida até o topo de uma torre.

Vestimos os equipamentos com a ajuda dos instrutores. Caminhei até a plataforma com as pernas tremendo, quase borrando as calças. No começo me deu um frio na barriga, até quis desistir só de pensar em despencar lá do alto segurado apenas por dois cabos, mas com seu jeito meigo e atencioso o Daniel me encorajou a continuar.

-Vamos lá... Uhuuu...

Enquanto éramos erguidos questionei:

-Será que tem como voltar atrás?

-Agora já não dá mais... Vai ter que pular...

-Pelo amor de Deus... Parem isso...

-Não adianta, ninguém vai ouvir. Pra descer daqui só puxando essa cordinha...

-Ai caramba... Eu tô com medooooooo.

-Haha! Segura firme na minha mão...

Solidário ele pegou em minha mão, segurando-a forte na tentativa de me confortar e me deixar mais à vontade. Confesso que até ajudou, mas não tirou totalmente meu medo.

-Olha isso!

Fechei os olhos.

-Não vou olhar nada.

-Abra o olho e veja como os carros na Marginal parecem formigas...

-Para que já estou quase em pânico.

-No três, hein?

-Ah meu Deus!

-Um... Dois... Três... Uhuuuuuuuuu

O Daniel puxou a corda.

-Ahhhhhhhh!

-Que demais!... Uhuuuuu... Mais um... Mais um...

-Chega pelo amor de Deus!

-Já acabou... Que demais, cara!

-Pois é... Quase morri.

-Haha... Foi da hora.

-Agora tem que pegar a fita do nosso sobrevoo...

-É verdade.

Depois de tirarmos todo o equipamento fomos buscar o certificado de coragem, juntamente com a fita gravada toda aquela brincadeira que para mim foi mais que uma grande aventura.

Caminhando em direção à montanha russa perguntei:

-*E ai, Daniel, está gostando?*

-*Estou me divertindo muito, e você?*

-*Eu também.*

Demos risada pela situação. Eu estava era morrendo de medo, na verdade estava traumatizado com o *SkyCoaster*, pois meu estômago quase saiu pela boca.

Chegou nossa hora de andar no brinquedo. Ao prender a trava de segurança um arrepio na espinha me fez tremer. Sentado ao meu lado o Daniel perguntou:

-*Está com medo?*

-*Claro que não.*

-*Sei... Haha...*

-*Para...*

Os carros começaram a subir. No início estava tranquilo, até eu fazer a besteira de olhar para o lado e ver o caminho que iríamos percorrer. Ao pararmos no topo, respirei fundo e fechei os olhos.

A descida iniciou-se. Tudo aconteceu tão rápido que nem consegui gritar, fiquei imóvel. O Daniel só dava risada. Para ele tudo estava sendo uma festa, mas pra mim estava sendo um martírio. O pior de tudo é que fui eu quem deu a ideia.

Expressando satisfação ele comentou:

-*Nossa, cara... Que demais!*

-É mesmo, né?

Comecei a concordar com ele. Tive receio de me achar um chato, nunca se sabe o quê se passa pela cabeça das pessoas. Deixamos a montanha russa e seguimos para a lanchonete, pois a fome começara a dar sinal.

Sentando-se a uma mesa o Daniel sugeriu:

-Vamos parar aqui?

-Sim, estou morrendo de fome.

-Eu também...

Verificando as opções de pedido comentei:

-Vou pedir um suco.

-Nossa!... Bader...

-O quê?

-Estou adorando passar essa tarde com você...

-Ah é?

-Sim, estou me divertindo pra caramba.

-Eu também.

Para ser sincero, nunca tive um "melhor amigo". Sempre me relacionei com "melhores amigas", pois achava que garotos tinham umas brincadeiras idiotas. Apesar disso, nunca fui afeminado, e ninguém dizia que eu era *gay* ou parecesse um com relação ao meu comportamento social.

Mesmo com meu braço imobilizado deu para brincar legal. Por um bom tempo esqueci dos problemas, foi ótimo.

Devolvendo o copo à mesa reclamei:

-Esse suco está sem açúcar.

-Eu pedi com adoçante...

-Eu também, mas parece que não colocaram nada.

-Chame a garota do caixa...

-Deixa pra lá, não está tão ruim assim.

Esboçando um leve sorriso ele disse:

-Eu já ia atirando essa bolinha de papel nela...

Apoiando-me ao encosto da cadeira duvidei:

-Você tem boa pontaria?

-Opa...

-Haha... DU-VI-DO.

-Olha que eu falo sério.

-Vamos ver então... Topa fazer uma aposta?

-Beleza... Tiro ao alvo. Quem conseguir derrubar todas as latinhas da pirâmide, ganha.

-E o que você quer apostar?

-Se eu ganhar, amanhã você vai ter que ocupar meu dia assim como hoje.

-Tá certo... Se eu ganhar não precisarei mais pagar a balada de sábado e não precisarei olhar nunca mais pra sua cara...

-Haha... Fechado.

Seguimos até o quiosque de jogos. Enquanto analisava os mini canhões perguntei ao rapaz:

-Quantas latas eu tenho que derrubar para marcar ponto?

Entregando uma pelúcia a uma garota ele respondeu:

-Acima de três você já ganha um prêmio... Quanto mais latas derrubar, mais sofisticado ele fica.

Colocando seus óculos escuros sobre a cabeça o Daniel disse:

-Começa você, Bader.

-Tudo bem...

Mirei bem no meio. Respirei fundo por três vezes, contei até cinco e atirei. Todas as latinhas começaram a cair, mas a última tremeu, tremeu, e voltou ao seu lugar, ou seja, não derrubei todas. O que tinha a fazer agora era torcer para que o Daniel não derrubasse nenhuma, porque assim eu não teria que passar o dia com ele outra vez.

Tomando posse do canhão ele falou:

-Agora é minha vez...

Depois de afastar suas pernas ele mirou na pirâmide. Ficou imóvel olhando a pilha de latas. Quando eu menos esperava ele atirou, derrubando toda aquela pilha. Foi inacreditável, mas ele conseguiu. Claro que eu não gostei muito da ideia, mas o que poderia fazer?

Sorrindo ele me deu um abraço dizendo:

-Ganhei!... Terei companhia pra amanhã... Uhuuuu...

-Pois é.

Pegamos os prêmios e fomos curtir os outros brinquedos. Ao final da tarde voltamos para casa, cansados, mas satisfeitos. Seguimos para casa. No caminho o Daniel não conseguia esconder o sorriso de contentamento.

Acionando as travas das portas ele falou:

-Bader... Muito obrigado.

-Pelo quê?

-Pela paciência... Fazia muito tempo que eu não me divertia assim em uma companhia agradável...

Prendendo o cinto de segurança eu disse:

-Você me deixa sem graça...

-Muito obrigado mesmo...

-Relaxa, eu também me diverti muito, pode ter certeza.

Ao pegarmos a alça de acesso à Marginal o Daniel falou:

-Eu achei que você não gostou muito da ideia de passar o dia comigo amanhã...

-Bem, eu...

-Cara, não vou te forçar a nada... Se você não estiver a fim, não tem problema... Não quero que faça o que não estiver a fim.

-Vamos cumprir as promessas feitas. Promessa é divida.

-Eu quero saber se você está a fim?

-Sim.

-Então beleza. Vou te deixar em casa agora.

-Firmeza.

Gostei do jeito com que ele levou a conversa, me deixando escolher se queria ou não continuar a vê-lo. Durante o caminho o Daniel foi me contando sobre sua vida profissional, suas experiências em outros empregos. Confesso que o achei um rapaz muito interessante e inteligente, mas até então não passou disso.

No outro dia fomos ao parque do Ibirapuera. Andamos de bicicleta, apostamos corrida, foi muito divertido. Para não perder o costume, tive que pagar um sorvete para ele, pois acabei perdendo outra vez.

-Já está ficando sem graça... Só eu ganho...

-Sem graça... Debocha mesmo...

-Haha... Que culpa tenho eu se ganho de você?

-Você deveria levar em consideração minha convalescença.

-Ah coitadinho...

Sentamo-nos embaixo de uma árvore para descansar. Conversávamos tranquilamente até o Daniel levar uma bolada na cabeça. Atrás de nós havia uma quadra, onde alguns moleques jogavam futebol.

Ligeiro o Daniel pegou a bola, olhou feio para os garotos e disse:

-*Quem foi que jogou?*

Constrangido, um dos meninos aproximou-se de nós dizendo:

-*Desculpa aê, mano?*

-*Desculpa o caralho... Vamos ver quem é bom aqui...*

-*Devolve a bola deles, Daniel.*

Tirando sua camisa ele disse:

-*Calma... Vamos fazer uma aposta... Desafio vocês seis a jogar um contra...*

-*Tá beleza. Você e mais quem?*

-*Eu e meu amigo aqui, contra vocês seis.*

-*Firmeza.*

Assustado questionei:

-*Mas Daniel, eu não sei jogar futebol...*

Sussurrando ao meu ouvido ele disse:

-*Deixa comigo.*

Iniciou-se a disputa. Tirei minha camiseta para que formássemos um time, eu e o Daniel. Poucas vezes na minha vida toquei em uma bola, e por ser inexperiente até que não me sai mal, mesmo com o braço ainda em recuperação. O tempo inteiro o Daniel preocupou-se em estar à frente, me protegendo de qualquer acidente que pudesse acontecer. Nem preciso dizer que ele jogava muito bem, e os garotos não gostaram muito.

Correndo de encontro a mim ele me deu um abraço de felicidade. Aquele toque mexeu comigo. Seu corpo suado sem camisa encostando-se ao meu, fiquei sem reação. Senti um arrepio, frio na barriga.

-Gol!... É nóis moleque!

-Haha... Parabéns.

No fim da tarde cada um foi para sua casa. Ao chegar fui tomar um banho de hidromassagem. Coloquei meu MP3 e fechei os olhos para relaxar um pouco, ao mesmo tempo em que pensava naquele abraço que recebera do Daniel, em seu sorriso. Por mais que eu tentasse pensar em outras coisas, ele não saia da minha cabeça.

Minha implicância com o Daniel foi tornando-se carinho na medida em que ia o conhecendo mais. Sei lá o que estava acontecendo, só sei que já não tinha mais raiva dele, somente um carinho especial.

Acabei adormecendo na hidromassagem. Quando acordei o dia já havia amanhecido. Minha pele estava toda enrugada. Após tirar os fones do ouvido fui me enxugar, tomar meu café e ir pra academia, pois já estava na hora.

Depois do treino, estava saindo para trabalhar quando encontrei com uma amiga dos tempos de faculdade:

-Bader!

-Juliana?

-Quanto tempo!

-Tudo bem com você?

-Eu tô ótima, e você?

-Eu estou bem. E como anda lá no seu trabalho?

-Nem me fala, depois que você saiu de lá, aquele lugar nunca mais foi o mesmo.

-Sério?

-É... Ah!... Sabe quem andou procurando por você?

-Quem?

-Aquele seu amigo que ia te buscar na faculdade...

-Que amigo?

-Aquele loirinho...

-O Bruno?

-De nome eu não sei...

Pela descrição dela deveria ser o Bruno. O quê será que ele queria comigo? Ficamos conversando um pouco até que ela se foi. Quando eu ia atravessando à rua escutei um assovio chamando por mim, era o Daniel:

-Bader... Peraê...

-Fala, Daniel?

-Tá indo pra onde?

-Trabalhar...

-Bom... Tô indo pra Perdizes...

-Eu vou pra Pinheiros.

-Quer uma carona?

-Pode ser.

Fomos caminhando e conversando até o próximo quarteirão, pois ele havia deixado o carro em um estacionamento na rua de trás. Ao passarmos por um *pet shop*, havia uma fila de automóveis aguardando para entrar. Distraído, cruzei a fila de carros que estavam parados, quando de repente um

deles avançou em minha direção. Se não fosse o Daniel me puxar pelo braço, com certeza eu teria sido prensado entre os dois veículos.

Irritado ele dirigiu-se até a mulher e disse:

-A senhora está louca?

-Desculpa... A ré não engatou direito...

Dentro de seu carro havia três cachorros que não paravam de latir.

-Preste mais atenção ao dirigir...

-Eu peço desculpas...

-Desculpa? Por pouco você não machucou meu amigo... Com essa cachorrada dentro do carro...

Para que não prolongasse a discussão eu intervi:

-Daniel, deixe isso pra lá...

-Mas Bader...

-Não vale a pena ficar brigando com ela por essa bobagem. Não vê que ela é mal-amada?

-Haha... Você também não perde uma, né?

Devido ao movimento brusco que ele fez para me ajudar, acabou ferindo seu braço no mural de pedras. Preocupado comentei:

-Olha como seu braço ficou...

-Como?

-Está sangrando...

-Ah... Não foi nada...

-Mas precisa ser cuidado. Vamos até minha casa para fazer um curativo?

-Não precisa disso...

-Será que você pode deixar de ser teimoso pelo menos uma vez?

-Puts!... Como você é chato.

-Empatamos, meu caro.

-Bem... Vamos logo vai.

Entramos no carro. Enquanto eu colocava o cinto de segurança o Daniel exclamou:

-Caralho!

Assustado, perguntei:

-O que foi?

-Esqueci o carregador do meu celular no vestiário...

-Eeeeeeee...

-Deixa pra lá... Se eu não encontrar, depois compro outro.

-Pelo que percebi você é bem desligado, não?

-É... Sou um pouco mesmo...

Chegando em casa eu pedi para que ele aguarda-se na sala enquanto eu ia buscar a caixa de primeiros socorros no banheiro. Ao me ver voltando com uma maleta nas mãos, esbugalhou os olhos assustado.

Colocando-a sobre o sofá eu disse:

-Tire a camisa.

-Peraê...

-Não machucou muito...

-Ai!... Tá ardendo!...

-Calma... Um homem desse tamanho com medo de remedinho...

-Fica zoando...

-Haha...

O Daniel era muito charmoso. Encantava-me cada dia mais com seu jeito meigo e sensível de ser. Nem aparentava com aquele corpo forte, mais parecido com um menino mau.

De olhos fechados e fazendo careta ele falou:

-Obrigado por se preocupar comigo... Há muito tempo ninguém faz isso por mim.

-Por que você diz isso?

-Porque é verdade. Desde que meu pai morreu, eu sinto falta de alguém pra conversar, alguém que me defenda, alguém que me ouça, me dê conselhos...

-Mas e sua mãe?

-Minha mãe está pouco se importando comigo, vive viajando com as amigas. Eu passo mais tempo sozinho naquela casa enorme do que com ela...

Conforme conversávamos, percebi que o Daniel era um cara carente, sensível, além de tudo, sofrido. Pela forma como falava, deveria ser muito apegado ao pai, e a perda deve ter o deixado abalado.

Capítulo 3

Durante a semana telefonei para minha mãe e contei sobre o acidente. Sem intenção deixei-a preocupada, mas tratei logo de tranquiliza-la. Minha mãe era minha melhor amiga. Quando eu precisava de consolo, era só ligar pra ela. Falávamo-nos pelo menos três vezes na semana, pois era difícil eu ir pra Campinas.

Minha rotina permaneceu normalmente. Continuei indo à academia no decorrer dos dias, e sempre tomando cuidado para não dar nenhuma pancada no Daniel.

-Bom dia!

-Fala Bader, firmeza cara?

-Tudo legal! Como estão os machucados?

Olhando para seu braço ele respondeu:

-Nem sinto mais... É amanhã, hein...

-Pois é.

-Chamei uma mina que eu tô ficando, você não se incomoda, né?

-Claro que não, chame mais amigos se quiser...

-Melhorou seu braço?

-Bem... Já consigo dirigir, mas não posso fazer muito esforço.

-Que bom! Meu carro fica pronto semana que vem.

-O meu já está pronto.

-Da hora...

Batendo em minhas costas ele disse:

-Ganhei um amigo num acidente de carro... Olha que coisa?

Estávamos só nós dois dentro do vestiário masculino. Eu havia acabado de chegar e fui guardar minhas coisas quando o encontrei. O Daniel parecia já estar de saída. Conforme ele falava, ia tirando sua roupa. Eu ainda não havia reparado em seu corpo, pelo menos até aquele momento. Claro que no dia do passeio ao parque do Ibirapuera foi impossível não notar seu peitoral definido, mas não passou daquilo.

Um corpo todo definido. Ele era um magro falso. Usava a calça meio caída com a cuequinha à mostra. Com pelos serrados, pele morena, cabelo todo espetadinho com gel, topete. O Daniel tinha um sorriso perfeito, era de deixar qualquer mulher apaixonada. Não era à toa que as meninas da academia pagavam um pau pra ele.

Às vezes eu ouvia algumas meninas comentando sobre um professor, mas até então nunca tínhamos nos cruzado nas dependências da academia, porém, depois de ver tudo aquilo eu tinha que concordar com elas - o Daniel era tudo e mais um pouco.

No sábado ele passou em casa por volta de oito horas da noite. Pedi para o porteiro deixá-lo subir sem precisar pedir autorização para mim antes.

-Falae Bader!

-Opa... Não esperava que você chegasse tão cedo...

-Fiz mal?

-Não... Ruim seria se chagasse tarde demais.

-Haha...

-Bem, preciso tomar um banho e me arrumar.

-Vai lá.

-Você quer beber alguma coisa?

-Agora não.

Exalando um delicioso perfume ele sentou-se no sofá. Enquanto eu tomava banho ele aguardava por mim, olhando as fotos dos porta-retratos espalhados pelos cantos da sala.

Com a toalha enrolada à cintura, caminhei até a sala perguntando:

-Você não ia trazer sua mina?

-A mãe dela estava adoentada... E também a parada hoje é só pra homem, nada de mulher pra encher o saco!

-Haha.

-Pô... Legal essas fotos, Bader.

-Quais?

-Essas aqui...

-Ah... Essa é minha família. Tiramos já faz um tempo...

-É bonito ver uma família unida assim... Eu tenho poucas fotos com meu pai e minha mãe juntos, eles não se davam muito bem...

-Deve ser muito ruim mesmo.

-Quem é esse do seu lado? Seu irmão?

-Onde?

-Vocês estão em uma escada abraçados.

-Ah não, esse é meu ex-namorado.

-Namorado?

-É. Por que o espanto?

-Nada não, é estranho ver um cara chamando outro cara de NAMORADO...

-Você é contra um relacionamento homo?

-Não. Tenho amigos homos, nada contra.

Tirando-a do porta retrato comentei:

-Aliás... Já é hora de jogar essa foto no lixo.

Amassei-a e joguei no lixo. Não sabia o porquê dela ainda estar em casa, provavelmente deixei passar na confusão da mudança, pois eu havia me livrado de tudo que lembrava o Bruno, restando apenas àquela foto.

Segui para meu quarto. Enquanto escolhia uma roupa para sair, escutei a voz do Daniel perguntando onde tinha água. Gritei dizendo que ele poderia pegar na geladeira da cozinha.

Passei meu perfume de sempre, juntamente com meu penteado. Levei quase meia hora em frente ao espelho pra deixar o topete do jeito que eu gostava.

Voltei à sala e vestindo a jaqueta exclamei:

-Pronto!

-Até que enfim... Pior que minha mãe...

-Ah... Nem demorou tanto assim...

-O quê? Quase dormi aqui no seu sofá. Mas não tem problema, como é você que vai pagar, vou beber pra caramba...

-Sem exageros, por favor.

Chegamos na balada já passava de meia noite. Ao chegarmos seguimos para o bar. Eu dificilmente bebia, já o Daniel foi logo pedindo uma caipirinha.

Apoiando-se ao balcão ele perguntou:

-Você não quer uma?

-Não... Vou pegar uma água tônica mesmo.

-Haha... Que boiola.

Irritado respondi:

-Nunca mais fale dessa forma comigo.

-Nossa! Desculpa, não tinha a intenção de te ofender.

-Você não ofendeu, apenas não gosto de ser rotulado pela minha condição sexual.

-Eu sou um imbecil mesmo...

-Vamos esquecer isso, tá bom?

-Beleza.

A balada estava cheia, muita gente bonita e solteira. Devido à chatice inicial das músicas, resolvemos permanecer no bar, conversando um pouco mais:

-Faz tempo que você frequenta aqui?

-Eu vinha bastante quando namorava... O Bruno adorava esse lugar.

Dando um gole em sua bebida ele questionou:

-Quanto tempo vocês namoraram?

-Três anos.

-Uau! Bastante tempo...

-Sim. O conheci com 21 anos, mas como disse minha mãe: Algo melhor me espera.

-E você sonha com um conto de fadas?

-Não, só o que eu quero é ter alguém do meu lado todos os dias para dividir minha vida.

-Legal isso... O engraçado é que nos tempos de hoje as meninas estão fugindo de compromisso sério e os homens estão a fim...

-Pois é... E por que você terminou seu relacionamento, então?

-Porque eu queria casar e ela não. Quero ser amado, receber carinho. Tenho 26 anos, já transei com todas as garotas que eu quis, beijava as que davam vontade. Agora eu cansei... Queria ter a certeza de que alguém me ama de verdade, me deseja...

-Eu sei muito bem o que é isso...

-Pode não parecer, mas eu só tenho aparência de "Menino Mau..."

-Mas você assusta um pouco...

-Não me julgue pelas aparências.

-Desculpa, mas é verdade.

-Está ouvindo essa música?

-Sim... Adoro ela.

-Eu também. Vamos dançar?

-Claro!

Corremos para a pista. Feliz o Daniel se soltou e mostrou que sabia dançar, muito bem por sinal. O lugar estava cheio, apertado. Pegando pelo

meu braço, ele me puxou até o meio e ficamos dançando um de frente para o outro.

O Daniel era um cara muito bonito, cativante. Dançando e olhando pra ele, eu ficava pensando no que havia me dito sobre relacionamentos. Sem que eu esperasse, ele me puxou pra bem junto de seu corpo. Fiquei sem reação. Sei que não foi com malícia, apenas uma empolgação, mas me deixou com vontade de beijar aquela boca carnuda, isso eu não posso negar.

Se eu pudesse escolher, cairia fora, mas acredito que já era tarde, pois começara a gostar dele. Se isso fosse concreto, eu estaria perdido. O Daniel gostava de mulher, e eu não teria chance alguma, seria sofrimento na certa.

As músicas estavam cada vez mais legais, e a vontade era de ficar na pista e não sair mais. O Daniel continuava bebendo sem parar, o que me deixou preocupado. Vendo que passara dos limites, o puxei pelo braço e avisei que iríamos embora:

-Daniel... Já chega, está na hora de ir...

-Agora que está ficando bom?

-É necessário, você já bebeu demais...

-Ah... É por causa da bebida? Deixa que eu pago então, seu pão duro.

-Não é isso, estou preocupado contigo... O que você consumiu eu pago conforme o combinado.

Tirando sua camisa ele falou:

-Será que eu não posso mais esquecer da minha tristeza com um pouco de cachaça?

-Não é dessa forma que seus problemas irão acabar... Vamos para casa?

-Tá bom...

-*Vamos.*

Saímos de lá eram quase quatro horas da manhã. O Daniel não estava em condições de dirigir, mal conseguiu subir as escadas. Apoiado em mim caminhamos até o estacionamento. Foi uma briga para convencê-lo a me deixar dirigir.

Destravando as portas eu disse:

-*Vista essa camisa e entre no carro.*

-*Vestir por quê?*

-*Porque está frio, você vai ficar doente com o peito pelado assim.*

Dirigindo-se até a porta do motorista ele falou:

-*Eu te deixo em casa e depois sigo para a minha.*

-*Você não está em condições de dirigir, Daniel.*

Tentando fazer o número quatro ele falou:

-*Eu tô ótimo, veja...*

-*Cuidado... Você quase caiu...*

-*Imagine... Eu sei muito bem o que tô fazendo.*

-*Tudo bem... Mas deixa que eu te levo até sua casa...*

-*E como você vai voltar para a sua?*

-*Eu pego um táxi.*

-*Nanananananão.*

-*Sim e sim.*

O joguei dentro do carro, travei as portas e entrei logo em seguida. Irritado, ele ficou se debatendo e gritando. Prendi seu cinto de segurança e dei partida.

-*Entra...*

-*Eu já disse que irei te levar...*